

Entrevista com o Professor Dr. Robert Wilton Wilcox

Robert Wilton Wilcox nasceu no Canadá e trabalha, desde 1993 em uma universidade dos Estados Unidos: a *Northern Kentucky University*, situada em Highland Heights, Kentucky. É um nome conhecido e respeitado nos meios universitários brasileiros, e especialmente sul-mato-grossenses, por seus trabalhos sobre a história de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul. Dentre esses trabalhos, destaca-se sua tese de Ph. D., intitulada *Cattle ranching on the Brazilian frontier: tradition and innovation in Mato Grosso, 1870-1940*, realizada na New York University sob a orientação do eminente historiador Warren Dean e defendida em 1992. Desde o ano 2001 o Prof. Wilcox tem mantido contatos regulares com o Programa de Pós-Graduação em História da UFGD (anteriormente UFMS/Dourados). Expressando-se muito bem no idioma português, ele já palestrou mais de uma vez com nossos alunos de graduação e mestrado em História e publicou aqui o artigo intitulado *World History: coisa de gringo ou uma oportunidade? Notas sobre a historiografia americana* (revista *Fronteiras*, v. 6, n. 11, 2002). Neste ano de 2008, os referidos contatos intensificaram-se. A mesma *Fronteiras* publicará, brevemente, uma tradução, realizada por profissionais da UFGD e da UEMS, de um seu artigo de 1993, sob o título *Os paraguaios na construção do extremo oeste do Brasil, 1870 - 1935*. Finalmente, o Prof. Wilcox permaneceu em Dourados entre março e julho do corrente ano, em profícua convivência acadêmica com os discentes e docentes de História da UFGD, tendo mesmo ministrado, em nosso PPGH, a disciplina *Tópicos de História Ambiental*. Foi durante essa visita que o professor gentilmente aceitou conceder à *História em Reflexão* esta entrevista, em que ele fala de sua formação, de sua trajetória pessoal e acadêmica e, enfim, de vários outros temas que acreditamos serem de interesse para nossos leitores.

Robert Wilton Wilcox – Entrevista para a Revista Eletrônica História em Reflexão
Questionário elaborado por Carlos Barros Gonçalves e Fabiano Coelho;
apresentação e revisão do texto da entrevista por Paulo R. Cimó Queiroz

História em Reflexão: Professor, para que os leitores possam conhecer um pouco sua trajetória acadêmica, fale, por favor, sobre sua formação enquanto historiador.

Robert Wilcox: Primeiro quero agradecer a vocês pela oportunidade de conversar com os leitores de *História em Reflexão*, e pedir desculpas pelo meu português/português meio estropiado. Bom, se me permitem, quero começar do começo, como dizem. Cresci numa cidadezinha na fronteira do noroeste do Canadá, perto do Alaska, que tinha (e tem) grandes comunidades de imigrantes, inclusive portugueses. A maioria dos meus amigos do colégio eram filhos desses imigrantes, que me incentivaram a conhecer o mundo. Comecei como historiador no colégio graças à influência de um professor inglês, que me inspirou a estudar história na universidade em Vancouver. A princípio queria estudar a história do Oriente Médio, principalmente do conflito israelense-palestino. Durante os estudos, tive a sorte de fazer uma viagem à região, trabalhei num kibbutz em Israel e ali encontrei vários latino-americanos que me inspiraram a conhecer a região. Viajei à América Latina depois e, francamente, gostei tanto que mudei o foco dos meus estudos para esta região. Depois da minha formação como graduado viajei outra vez à América Latina, desta vez passando muito mais tempo no Brasil. E durante esta viagem conheci minha esposa no Paraguai. Voltei ao Canadá e comecei meus estudos de mestrado em história da América Latina na Universidade de Calgary. Ao terminar o mestrado tive a sorte de ganhar a oportunidade de estudar para o doutorado na Universidade de Nova Iorque (NYU) com o grande “brasilianista” Warren Dean. E assim me formei.

História em Reflexão: Como ocorreu o seu contato com a pesquisa em História do Brasil?

Robert Wilcox: Como você sabe, Warren Dean era um grande historiador do Brasil e ele foi para mim uma influência enorme, principalmente em guiar-me para estudar o Brasil, sobretudo as regiões do país que precisavam de mais atenção por parte da

Robert Wilton Wilcox – Entrevista para a Revista Eletrônica História em Reflexão academia americana, e também a história ambiental. Mas antes de ir a Nova Iorque já conheci o Brasil na viagem de que falei, trabalhei em Salvador e São Paulo, e falava um pouco de português. Gostei tanto do Brasil que queria estudar mais a história do país, e como minha esposa é paraguaia, e com minha história de infância e juventude na fronteira canadense, achei muito importante estudar a região da fronteira com o Paraguai. Então decidi investigar a história de Mato Grosso do Sul, que na época (os últimos anos dos 80) poucos norte-americanos conheciam. E aqui estou....

História em Reflexão: Qual é a sua visão sobre a produção historiográfica brasileira nas últimas décadas?

Robert Wilcox: Para dizer a verdade, acho impressionante a produção nas últimas décadas. Quando comecei minhas investigações no Brasil a produção estava aumentando bastante, mas principalmente nos grandes centros e, sobre aqueles lugares, a costa, Rio, Bahia e São Paulo. Em MS e MT encontrei alguns estudiosos que hoje são bem conhecidos na região e nacionalmente, mas a história regional era ainda dominada pela “História Memorial” ou os “memorialistas”. Desde aqueles tempos a produção e a qualidade têm explodido e hoje acho a historiografia brasileira madura e comparável com a produção em países mais “desenvolvidos” (ênfase nas aspas). Francamente, os melhores trabalhos brasileiros se comparam com os melhores do mundo, e os historiadores brasileiros são, na maioria, profissionais, dedicados, e com uma produção que contribui profundamente à historiografia brasileira e mundial. Para mim, a era da dominação dos “brasilianistas” já acabou. Obviamente isso não quer dizer que a historiografia brasileira não mereça as perspectivas de estrangeiros, mas vejo que a produção acadêmica brasileira compara-se favoravelmente com qualquer produção no mundo.

História em Reflexão: Uma vez que você trabalha há muitos anos nos Estados Unidos, poderia nos dizer como os historiadores de lá, de maneira geral, têm visualizado a historiografia brasileira? Isto é, as produções em história no Brasil têm repercutido nos EUA?

Robert Wilton Wilcox – Entrevista para a Revista Eletrônica História em Reflexão
Robert Wilcox: Para ser honesto, fora dos estudiosos do Brasil as repercussões têm sido muito poucas. Com uma exceção: os estudos sobre a escravidão. Sem dúvida os historiadores americanos que se concentram naquele tema olham para a história do Brasil para tentar compreender a experiência americana em comparação com a do Brasil. Mas o problema realmente é de língua. Quase a totalidade da produção brasileira está e fica em português. Não há muita tradução ao inglês ainda. Obviamente os “brasilianistas” lêem em português e a historiografia brasileira se reflete nos seus livros e artigos; também eles tentam comunicar idéias nascidas no Brasil, mas isso é insuficiente se os seus colegas não podem ler os trabalhos originais. Logicamente isso não é problema somente para o Brasil, como o espanhol também é lido por poucos historiadores americanos, nem falar do francês, alemão, italiano etc. No final, a academia americana está dividida em “estudos regionais”, ou seja, estudos sobre regiões do mundo (América Latina, Ásia, África, Europa etc.), e a história dos Estados Unidos (que também está dividida em regiões), com relativamente pouca integração entre eles. Mas acho isso um problema mundial e parece que os campos crescentes de história global (*World History*) e História Ambiental estão resolvendo um pouco esta lacuna.

História em Reflexão: Sabemos que você tem se dedicado aos estudos históricos voltados ao meio ambiente. Desse modo, como você define, em linhas gerais, a História Ambiental?

Robert Wilcox: Como o campo de História Ambiental está ainda em formação (como a *World History*, com que compartilha uma trajetória similar), existem várias opiniões sobre a definição. John McNeill, um dos historiadores ambientais americanos mais conhecidos, define o campo como: “a história das relações mútuas entre o gênero humano e o resto da natureza.” Em forma simples posso adicionar que vejo a história ambiental como o estudo das muitas interrelações entre o ser humano e seu ambiente físico através da história. Ou seja, qualquer tema histórico que inclui a relação das decisões e ações humanas no seu meio ambiente poderia ser História Ambiental, quer seja sobre os pantanais, as costas, montanhas, desertos, lagos, oceanos, cidades, ou relações raciais, entre muitas outras questões. Então os historiadores ambientais investigam um monte de aspectos dessas interrelações,

Robert Wilton Wilcox – Entrevista para a Revista Eletrônica História em Reflexão desde o papel do ambiente em determinar o destino do ser humano até o impacto humano sobre um ambiente específico, a história de movimentos ambientais, da reciclagem, do papel dos animais na história humana, processos tecnológicos, visões e ideologias da natureza, etc. No final, a preocupação dos historiadores ambientais, vivendo em nosso mundo atual de câmbio climático global e degradação ambiental, é de iluminar as ações humanas históricas e seus impactos sobre o meio ambiente, e sublinhar que o processo não é novo e por isso precisamos olhar para o passado para tentar aprender com os erros dos nossos antepassados.

História em Reflexão: Particularmente, como você analisa a produção historiográfica voltada à História Ambiental no Brasil?

Robert Wilcox: Quando comecei meus estudos sobre a história ambiental do Brasil, haviam poucos praticantes: José Augusto Drummond, José Augusto Pádua e outros já estavam começando, mas eram poucos. Sem dúvida o campo está muito mais desenvolvido nos Estados Unidos, onde começou. Mesmo que haja historiadores ambientais trabalhando em qualquer canto do mundo e estudando quase todas as regiões mundiais, a maioria da produção é feita nos Estados Unidos e sobre os Estados Unidos. Mas hoje em dia o campo está expandindo-se exponencialmente ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Para dizer a verdade, para mim o Brasil e o México são os países da América Latina onde existe mais produção. Obviamente isso é parcialmente graças à expansão de programas de história no país ultimamente, e a população grande, etc., mas acho também que a formação de ONGs ambientais, a conferência mundial sobre o meio ambiente no Rio em 1992 e a polêmica sobre a Amazônia têm tido muita influência em acordar o interesse na geração jovem. Em abril passado a organização nova chamada SOLCHA (Sociedade Latinoamericana e Caribenha de História Ambiental) organizou uma conferência sobre a história ambiental da América Latina em Belo Horizonte. A vasta maioria dos participantes eram latino-americanos jovens, sobretudo brasileiros, e fiquei muito contente com a quantidade e a qualidade da produção de história ambiental no Brasil. Acho que o futuro é brilhante e espero que o estudo de temas ambientais penetre em mais programas de história do país, como está acontecendo nos Estados Unidos.

História em Reflexão: Na sua visão, é possível que as questões ecológicas que o mundo tem conhecido nos últimos anos alimentem diferentes abordagens no estudo da história? Neste sentido, qual seria o papel a ser desempenhado pelos historiadores na compreensão destas problemáticas?

Robert Wilcox: Sem dúvida a História Ambiental está na linha de frente do enfrentamento com esta problemática. Seguramente sou um pouco parcial (!) mas acho que todas as investigações históricas devem levar um pouco do ambiental/ecológico, principalmente nas histórias econômicas, regionais, agrárias, industriais, etc. De alguma forma isto está acontecendo. Dentro do campo da história em geral muitos historiadores estão utilizando temas geográficos, climáticos, usos da terra, populações, papéis de doenças, etc., pelo menos para ampliar um pouco seus temas principais. Neste sentido a história ambiental já chegou, mas obviamente isto é somente uma parte do que precisamos. Mas em muitas partes do mundo o campo já está reconhecido como legítimo, uma situação que não era o caso faz alguns anos. Mas, como sempre, há muito mais para fazer e a História Ambiental deve continuar dialogando com os outros campos da história.

Sobre o papel a ser desempenhado pelos historiadores no mundo, de modo mais amplo, o problema que vejo tem que ver com o problema que todos os historiadores enfrentam – o de receber atenção séria por parte do público, principalmente dos nossos políticos e administradores. Como todos nós sabemos, a história tem muito para ensinar, mas como um historiador disse uma vez: “a história se repete porque nós não escutamos a primeira vez.” Mas devemos continuar publicando nossas pesquisas para tentar ganhar a atenção dos que mandam. Também, acho que temos um papel enorme em trazer a perspectiva da História Ambiental às aulas, nas universidades e nas escolas em geral. Em muitas formas a juventude tem mais motivação que os professores já formados para afrontar estes desafios. Além disso, muitos historiadores trabalham com movimentos ambientais, entram na política, e oferecem suas opiniões em foros públicos e na mídia. Mas não quero dizer que um historiador deve tornar-se ativista. Acho que isso é a decisão do indivíduo e sua visão do papel da história na comunidade geral.

Robert Wilton Wilcox – Entrevista para a Revista Eletrônica História em Reflexão
História em Reflexão: Fale-nos um pouco sobre sua visão acerca da pós-graduação em História no Brasil e, em particular, sobre sua experiência como professor visitante no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em História da UFGD.

Robert Wilcox: Primeiro quero enfatizar que estou muito agradecido pela oportunidade de participar do Programa. Foi uma experiência maravilhosa para mim e todo mundo me tratou super bem. E os alunos toleraram meu português fraturado (ou seja, meu portunhol confusado) com muita gentileza. Não poderia haver esperado mais. Francamente (e talvez isso seja mais óbvio do que imaginamos) achei os alunos muito similares aos meus alunos nos Estados Unidos. Seguramente isso foi porque a maioria no Programa da UFGD tem que trabalhar, tem famílias, e assim outras obrigações à parte dos estudos. Nossos alunos em Kentucky têm as mesmas obrigações e respondem com a mesma dedicação. O Programa da UFGD é logicamente voltado principalmente a temas regionais e para mim isso foi uma boa oportunidade de aprender muito dos últimos trabalhos de alunos e professores sobre a região. Esta experiência me mostrou que a pós-graduação em História no Brasil está se desenvolvendo rapidamente, não somente nos grandes centros, e que está completamente comparável com vários programas de mestrado que conheço nos Estados Unidos. Na verdade, os rigores e expectativas da pós no Brasil são por vezes mais rigorosos que alguns nos EUA. Acho que a profissão de historiador no Brasil, seja na universidade ou em outros ramos da sociedade, já chegou. Somente temos que convencer o público em geral do valor do historiador – um problema que temos também nos EUA.

História em Reflexão: Para encerrar, você poderia falar um sobre os temas a que está se dedicando atualmente em suas pesquisas?

Robert Wilcox: Desde que comecei meus estudos da região de MS me dediquei ao tema da pecuária. Continuo com isso, mas com uma perspectiva mais ampla, principalmente da história ambiental. Já pesquisei e publiquei sobre a economia da pecuária, os impactos ambientais, etc. mas agora estou concentrando-me mais especificamente em alguns aspectos da pecuária que poucos historiadores têm estudado: o papel das doenças na atividade pecuária, a introdução de tecnologia

Robert Wilton Wilcox – Entrevista para a Revista Eletrônica História em Reflexão estrangeira, desenvolvimento de tecnologias “nativas”, etc. Como já se sabe, a pecuária forma uma grande parte da história de MS e MT e as economias desses estados têm dependido significativamente do setor. Os resultados econômicos, sociais, culturais e ambientais são óbvios. Também, em vários sentidos a região ainda é uma fronteira, e isso sempre informa minha perspectiva. São questões bastante exploradas por historiadores sul-mato-grossenses, e espero que minhas pesquisas desde a perspectiva ambiental tenham oferecido e possam oferecer uma contribuição modesta ao melhor conhecimento da história da região.

Finalmente, quero agradecer a vocês a oportunidade de falar sobre os temas e a região que me motivam faz tempo, e manifesto meus desejos para sucessos continuados da revista, do programa de história e da UFGD em geral.

Agosto/setembro 2008.